

# CÁRCERES DO IMPÉRIO



## 1.

A ditadura iniciada em Portugal a 28 de maio de 1926 organizou a deportação de milhares de cidadãos colocados “à disposição do Governo” sob as mais diversas acusações.

Esta prática repressiva levou à implantação, designadamente nos territórios coloniais, de numerosos estabelecimentos prisionais, muitos deles improvisados a partir da adaptação de instalações existentes e outros correspondendo ao quadro geral dos campos de concentração.

O regime fascista, de modo similar às práticas desenvolvidas, designadamente, na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler, estabeleceu legislação apropriada à sistematização repressiva, unificou as polícias políticas e, com recurso aos meios e à experiência das Forças Armadas e da GNR, organizou vastas operações de deportação para os arquipélagos da Madeira e dos Açores e para as diferentes colónias.

Desse modo, o regime pretendia **afastar** do território nacional muitos dos seus alegados inimigos, mantendo-os longe das famílias e dos seus meios e profissões, quebrando as suas condições de **subsistência** e a sua inserção organizativa, quer sindical, quer partidária, impondo-lhes **penas de prisão** arbitrárias e prolongadas, tentando **vergar as suas convicções** políticas e filosóficas e, sem qualquer pudor, visando também **eliminar fisicamente** muitos deles, pela alimentação deficiente, pela violência dos castigos infligidos, pela recusa de assistência médica e medicamentosa.

Não conhecemos, ainda hoje, quantos desses deportados morreram ou regressaram para morrer e quantos deles nunca mais recuperaram a saúde e a força. E, no entanto, sabemos que a larga maioria desses presos permaneceu lúcida e combativa, sem nunca renegar as suas convicções.

# CÁRCERES DO IMPÉRIO

## 2.

Este panorama não pode ignorar, por outro lado, a imensa realidade da repressão desencadeada contra os naturais dos territórios coloniais. Pela legislação desenvolvida e aplicada, designadamente a que regulava o chamado indigenato, pela imposição dos mais diversos instrumentos de trabalho forçado e através de impostos e proibições.

Mas a repressão colonial assentava, em larga medida, no exercício da violência direta física sobre os indivíduos, homens, mulheres, crianças, velhos. O chicote, a palmatória e mil outros instrumentos de tortura representavam os principais veículos de “civilização”.

Tal não bastava e, por isso, o regime conjugou o trabalho forçado com a criação de inúmeras instalações prisionais e também com a deslocação de indivíduos e de populações inteiras, quer através de fixações de residência, quer pela deportação para paragens longínquas.

E resulta de todos estes processos uma circulação infernal de desterrados do Império, atirados de lugar para lugar dentro da mesma colónia, de uma para outra colónia ou mesmo, em alguns casos, remetidos para as cadeias da *metrópole*.

## 3.

Continuando embora, durante muitos anos, o recurso à deportação para os arquipélagos da Madeira e dos Açores (Angra do Heroísmo, Faial, Graciosa, Ponta Delgada, Santa Cruz), o certo é que o destino colonial ganhou relevo, do mesmo modo que a deportação para a *metrópole* era, frequentemente, uma punição utilizada contra nacionalistas das várias colónias.

## 4.

Os Cárceres do Império são uma herança da organização escravagista da repressão e, também por isso, são um retrato frequentemente escamoteado da realidade que marcou o nosso país e as suas possessões coloniais.

Por isso, os evocamos aqui, rompendo a “organização do esquecimento” e a *suavização* dos métodos e consequências da repressão. Daí, este breve itinerário que adiante se estabelece.

# CÁRCERES DO IMPÉRIO

## **Cabo Verde**

As ilhas de Santiago, S. Nicolau e Boavista foram as mais utilizadas para a detenção de presos políticos, recorrendo o governo também às ilhas de Santo Antão e S. Vicente, em especial para fixação de residência.

O Campo de Concentração do Tarrafal, na ilha de Santiago, foi especialmente utilizado, nas suas duas fases de funcionamento, para encarceramento de antifascistas deportados de Portugal e para a prisão de nacionalistas de Angola, Guiné e Cabo Verde.

## **Guiné**

Muitos portugueses foram deportados para a Guiné, em especial nas primeiras décadas do século XX (Bafatá, Bina, Bini, Bino, Bissau, Bissorã, Bolama, Buba, Bula, Cacheu, Cacino, Gabu, Inorei, Mansoa, Quinara...).

A partir de 1960, a Colónia Penal e Agrícola da Ilha das Galinhas, no arquipélago dos Bijagós, a sudoeste de Bolama, foi o destino de muitos nacionalistas, servindo também diversas unidades militares portuguesas e as instalações da PIDE para frequente prisão e interrogatório desses presos.

## **S. Tomé e Príncipe**

Ambas as ilhas receberam presos políticos, ainda que fosse o trabalho forçado nas roças (os chamados *contratados*) o principal castigo de muita gente levada de Cabo Verde, Angola, Moçambique e até de Macau.

O Massacre de Batepá, ou Guerra da Trindade, a 3 de fevereiro de 1953, é um exemplo da utilização pelo colonialismo do sistema das roças para organizar a repressão dos protestos populares e, na praia de Fernão Dias, um dos castigos consistia em obrigar os presos, acorrentados, a «esvaziar o mar».

## **Angola**

A colónia de Angola, até pela sua extensão, foi frequente destino de deportação de presos políticos e sociais, estimando-se que aí estariam, no início dos anos 30 do século XX, mais de 4.000 desterrados idos de Portugal.

A partir dos anos 50, a repressão colonial abateu-se, com particular violência, sobre as afirmações autonomistas e nacionalistas, levando à prisão e tortura de muitos angolanos, deportados de seguida para outras colónias, como Cabo Verde, ou para longínquas instalações prisionais.

A primeira ação armada dos nacionalistas angolanos teve, precisamente, como objetivo a libertação dos presos políticos que se encontravam na Cadeia de S. Paulo, em Luanda.

A violenta reação das autoridades portuguesas e o início da guerra colonial levaram à criação de numerosos campos de concentração em todo o território de Angola, destacando-se os campos de S.

# CÁRCERES DO IMPÉRIO

Nicolau e de Missombo (Centro prisional do Bentiaba), por onde passaram milhares de prisioneiros.

**Colónia do Bié-Capolo, Campo de Porto Alexandre, Fortaleza de S. Pedro da Barra (Luanda), Cadeia de Vila Clotilde, Cadeia de Cacuaco, Campo da Baía dos Tigres, Campo da Foz do Cunene, Campo de Iona, Campo de Missombo (Kuando-Kubango), Campo de Moçâmedes, Campo de S. Nicolau, Campo de Virei, Campo de Ambrizete, Casa de Reclusão Militar (Luanda), Colónia Penal do Bié, Forte de Quibaxe, Vila Nova de Seles**

## **Moçambique**

Tal como nas restantes colónias, também ao longo de todo o território de Moçambique surgiram inúmeras prisões e campos destinados aos «suspeitos» e aos «terroristas». A polícia política, a PSP e, com frequência, destacamentos das forças armadas portuguesas, desencadearam vagas de prisões em todo o território, deportando muitas dessas vítimas para locais de isolamento e onde a violência repressiva ganhava especial acuidade.

**Cadeia da Ponta Mahone, Cadeia de Porto Amélia, Cadeia da Beira, Cadeia da Machava, Cadeia de Nampula, Cadeia de Nicoadala, Cadeia de Quelimane, Cadeia de Sommerschild, Cadeia de Tete, Cadeia de Vila Cabral, Campo de Mabalane, Fortaleza do Ibo, Ilha de Xefina, Mabalane, Gaza, Delegação da PIDE em Lourenço Marques («Vila Algarve»), etc.**

## **Índia**

Ao longo dos séculos de ocupação portuguesa de territórios no subcontinente indiano, diversas foram as instalações prisionais utilizadas, destacando-se o Forte Aguada, em Candolim, Goa, ao mesmo tempo que eram desterrados para Portugal muitos opositores do domínio colonial, não se conhecendo, ainda hoje, a dimensão exata dessa realidade.

## **Timor**

Por ser longínqua, a colónia de Timor foi, desde sempre, um destino de deportação de presos políticos e sociais. Em diversas fases, os presos foram confinados em presídios e campos de concentração criados em diferentes pontos da ilha e obrigados a trabalhos forçados.

# CÁRCERES DO IMPÉRIO



Campo de Concentração do Tarrafal, Cabo Verde



Ilha das Galinhas, Guiné-Bissau



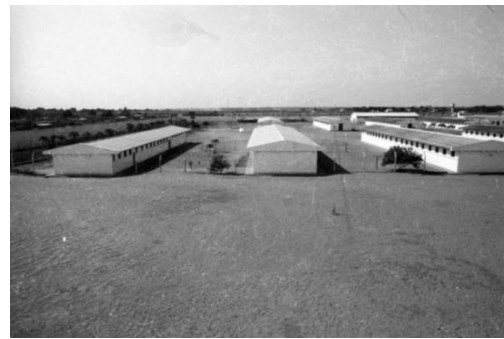
Campo de Concentração de S. Nicolau, Angola



Delegação da PIDE em Lourenço Marques/Maputo



Forte Aguada, Goa, Índia



Cadeia da Machava, Maputo, Moçambique



Cadeia de Aipelo, Timor-Leste



Ilha de Ataúro, Timor-Leste